

INFÂNCIA E LEITURA: EXPERIÊNCIAS DE MEDIAÇÃO EM UMA BIBLIOTECA PÚBLICA³²

Rafaela Vilela³³

RESUMO

O artigo discute a relação entre a mediação e a formação do leitor, apresentando eventos em que crianças e adultos compartilham, no cotidiano de uma Biblioteca Pública, experiências de leitura. Parte da compreensão de que a mediação, além da interação com um leitor mais experiente, envolve também a preparação do espaço, a seleção e a organização do acervo - três eixos fundamentais para a formação do leitor. Considerando esse pressuposto, a pesquisa buscou interlocução com autores que discutem infância e linguagem e espaços, acervos e mediações de leitura.

Palavras-chave: Linguagem, infância, leitura, mediação, biblioteca pública

ABSTRACT

The article discusses the relationship between mediation and the training of readers, featuring events in which children and adults share reading experiences on a daily basis at the Public Library. Part of the understanding is that mediation, in addition to the interaction with a more experienced reader, also involves the planning of the space/room, the selection and organization of the books - three fundamental axes for the training of readers. Given this assumption, the research has sought dialogue with authors who discuss childhood and language and spaces, collections and reading mediation.

Keywords: Language, childhood, reading, mediation, public library

³² Trabalho apresentado no XVII Endipe, 2014.

³³ Mestre e doutoranda em Educação pela UFRJ. Professora do Instituto Superior de Educação Pró- Saber. Email: rafalouise@gmail.com

INTRODUÇÃO

No fundo, os livros são isto: conversas sobre a vida. E é urgente, sobretudo, aprender a conversar.

Yolanda Reyes (2012, p. 29).

Por uma longa tradição, a biblioteca foi sinônimo de espaço para estudo e pesquisa, sendo considerada um lugar silencioso para ler e buscar informações. Mas será apenas esse o papel da biblioteca? O presente trabalho apresenta resultados de uma dissertação de mestrado, perpassada por estudos da linguagem e da infância. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, realizada com crianças e adultos em um espaço de leitura.

O campo escolhido foi uma biblioteca pública localizada em uma favela da zona sul da cidade do Rio de Janeiro que, além de apresentar um projeto arquitetônico diferenciado, oferece acesso à leitura em diferentes suportes. Durante a pesquisa foram realizadas observações participantes, entre os meses de janeiro a julho de 2013. Foram observadas crianças com idades entre 4 e 10 anos, a maioria delas moradoras do entorno. Além de registros em caderno de campo, também foram utilizadas como estratégias metodológicas fotografias e entrevistas semiestruturadas com os adultos responsáveis pela biblioteca e conversas informais com as crianças frequentadoras daquele espaço.

Este artigo tem como objetivo discutir a importância da mediação para a formação do leitor, refletindo como os espaços, os acervos e as mediações contribuem para a sensibilização das crianças na relação com a leitura. Para isso, parte da compreensão de que a mediação, além da interação com um leitor mais experiente, envolve também a preparação do espaço, a seleção e a organização do acervo.

O texto está organizado em três partes: na primeira, apresenta considerações sobre espaços, acervos e mediações da biblioteca; na segunda, a partir da análise de um evento de campo em que crianças e adultos compartilham, no cotidiano da biblioteca, experiências de leitura, discute a mediação como possibilidade de produção e negociação de sentidos; por fim, apresenta considerações sobre a leitura para e com crianças no espaço público de cultura.

UM DIÁLOGO SOBRE ESPAÇOS, ACERVOS E MEDIAÇÕES

Com um projeto arquitetônico que se sobressai entre as construções improvisadas da favela, a biblioteca pública pesquisada surgiu com a proposta de ser um espaço de cultura e de convivência. O projeto é uma iniciativa dos Governos Federal e Estadual, através do Programa Mais Cultura e do Plano Nacional de Livro e Leitura, e contou com financiamento do Programa de Aceleração do Crescimento.

Com uma arquitetura vertical, totalizando 1,6 mil metros quadrados, os cinco andares da biblioteca oferecem, além de um espaço de reunião de livros, diferentes espaços: midiateca, ludoteca, cineteatro, uma sala multiuso para cursos, setor de internet comunitária, cozinha-escola e café-literário. Em campo, percebemos que as crianças escolhiam e circulavam, em sua maioria, por três ambientes: o espaço dos computadores, a midiateca e a ludoteca – a biblioteca infantil. Mas como observar as crianças em todos esses espaços? O barulho presente no espaço dos livros, em contraponto ao silêncio dos ambientes que tinham computadores e televisões, fez com que elegêssemos a ludoteca como lugar para as observações participantes.

Concebida para as crianças, o espaço conjuga livros, brinquedos e computadores no mesmo ambiente. Há pufes, mesas coletivas e material para desenhar e colorir. Possui dois computadores com jogos instalados e internet disponível. Há ainda jogos de labirinto presos na parede, quebra-cabeças dispostos na estante, circuitos para montar, carros de madeira e móveis de cozinha formando um ambiente convidativo para a brincadeira e para a leitura. Apesar de indicar o acesso de crianças até oito anos, é possível observar a frequência de crianças mais velhas.

Observamos que a biblioteca pesquisada possui uma preocupação com a organização e a apresentação de seu acervo impresso. Com mais de doze mil títulos, dentre obras literárias e informativas para consulta e pesquisa, a biblioteca dispõe de um total de quase três mil e quatrocentos livros infanto-juvenis. Na ludoteca a arrumação preza pelo acesso livre das crianças que, ao alcance dos olhos e das mãos, buscam nas prateleiras títulos novos e conhecidos. Um ao lado do outro, os livros são

organizados por assuntos. Em algumas prateleiras podem-se observar alguns livros com a capa exposta.

Na ludoteca, fui até as estantes para ver a organização e o acervo oferecido às crianças. As prateleiras estavam com as seguintes etiquetas: livros com muito texto e poucas ilustrações; primeiras leituras; livro imagem; teatro; poesia; várias histórias em um só livro (contos, lendas, fábulas); histórias humorísticas, adivinhações; enciclopédias, dicionários infantis e biografias; quadrinhos e assuntos gerais. Observei vários títulos interessantes. Livros de Tatiana Belink, Erico Veríssimo, Monteiro Lobato, Marcio Vassalo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha... A mediadora me explicou que o acervo foi pensado pela Secretaria de Cultura para que todas as bibliotecas que compõem essa rede disponibilizassem os mesmos livros. Em relação ao critério de organização, ela reafirmou o papel da secretaria, apontando que os livros já vieram etiquetados desse modo.

(Caderno de Campo, 13/03/2013)

O registro acima ressalta o modo com que o acervo da ludoteca foi organizado. Uma arrumação que “revela intenções pedagógicas e oferece diferentes possibilidades para as crianças” (PIMENTEL, 2011, p. 124). Observamos que os títulos se dividem entre literatura e informação e que não há livros didáticos. A seleção realizada pela Secretaria de Cultura buscou garantir o mesmo acervo nas diferentes bibliotecas públicas da rede. Em relação ao critério de organização, é interessante ressaltar que ainda não há no Brasil um critério único de catalogação nas bibliotecas infantis.

Pimentel (2011, p. 126) destaca que “o conhecimento sobre a organização de acervos de livros para as crianças ainda está em construção, pois é preciso certa clareza sobre a identidade dos objetos de uma coleção para poder impor alguma ordem a ela”. Assim, há bibliotecas que organizam o acervo por autor, temática, ou ainda utilizam cores ou criam símbolos para categorizar os livros. Como cada espaço organiza os títulos de um modo, o leitor necessita compreender suas formas de arrumação e se familiarizar com ela. Para isso, é importante educar o usuário a conhecer a organização do acervo. Murais para que os códigos sejam compartilhados são uma boa estratégia. No caso da biblioteca pesquisada, observamos que os livros foram arrumados por temas ou gêneros e que os códigos sinalizados nas prateleiras são também escritos em uma etiqueta colada no verso da capa dos livros. Como a ludoteca também realiza

empréstimos aos sócios, os livros passam por um controle de catalogação interna. Organização fundamental para realizar e facilitar consultas e empréstimos.

A arrumação dos livros no espaço de leitura é também um trabalho minucioso de busca de semelhanças. A categorização utilizada na biblioteca, especificamente na ludoteca, divide os livros literários, indicando certos títulos para os leitores fluentes e outros para os iniciantes. Apesar disso, destacamos que é importante brincar com as coleções de livros, propondo rearranjos. Essa ideia não significa mudar todas as categorias da biblioteca, mas buscar novas semelhanças entre os títulos. Assim, além de criar um espaço para destacar os títulos imperdíveis ou as novidades – que devem ser trocados de tempos em tempos – é interessante dispor outras estações de leitura dentro da biblioteca (PERROTTI, 2004). Estações que, quando inusitadas, convocam o olhar do leitor. Uma caixa com livros sobre bruxa, um varal só com títulos engraçados, uma cesta que disponha apenas livros com capas verdes. Esses são movimentos que capturam adultos e crianças e provocam novos encontros com a leitura, posto que “a organização do acervo convida, instiga, favorece ou restringe ações e interações (PIMENTEL, 2011, p. 57-58).

Perrotti (2004, p. 14) compreende que as bibliotecas “podem – e devem – ter livros variados, bonitos, bons, de diversos tipos e formatos. Mas são bem vindos também os jornais, as revistas, os computadores”. Corsino (2010, p. 201), em consonância com essa consideração, aponta que, embora o livro deva ocupar lugar de destaque, as bibliotecas também podem disponibilizar “brinquedos, cenas e personagens de histórias, pedaços de panos para se transformarem em roupas, adereços (chapéus, coroas, sapatos, colares, entre outros)”. A ludoteca, como biblioteca infantil, agrega essas concepções e dispõe de um espaço composto por livros informativos e literários, gibis, brinquedos, computadores e diferentes materiais que possam despertar a imaginação das crianças. O acervo de livros foi constituído pela equipe do Núcleo da Leitura e do Conhecimento da Secretaria de Cultura e a atualização de títulos é mantida com os recursos e programas da Fundação Biblioteca Nacional. De acordo com a Superintendente da Leitura e do Conhecimento (em entrevista concedida à pesquisadora no dia 14/05/2013), buscou-se compor essa

coleção conjugando obras de referência, clássicos e novidades literárias. Passeando pelas estantes, é possível observar que os livros encontram-se em excelente estado de conservação e que houve a preocupação em oferecer títulos que prezam pela qualidade. Qualidade que, para Andrade e Corsino (2007), em reflexão sobre os critérios de escolha de livros do Plano Nacional de Biblioteca da Escola/2005, precisa congrega elaboração literária, pertinência temática, qualidade de ilustração e projeto gráfico editorial.

Para que as crianças criem situações para ler, pesquisar e imaginar, é necessário uma combinação entre os espaços de livros, os diferentes acervos e a intencionalidade do mediador de leitura. Como em um tripé, esses três apoios precisam estar alinhados. Não basta oferecer bons títulos ou se preocupar apenas em arquitetar o espaço. A leitura necessita de convite e passa por uma relação de afeto. Assim, para que livros e leitores possam se encontrar, para que os espaços de leitura tornem-se lugares de experiências, é necessária a presença do mediador. Mediador aqui compreendido quase que como um anfitrião, pois cabe a ele receber, acolher e convidar os leitores a adentrar no espaço, a conhecer novos títulos e a experimentar novas leituras.

Bianca (8 anos)³⁴ chegou à ludoteca e foi logo abraçar a mediadora Alessandra. Entregou o livro que tinha levado para casa e comentou:

- Eu gostei dessa história, tia! – disse se referindo a um livro da coleção de poesias da dupla Lalau e LauraBeatriz.

- Que bom! Eu separei outros livros que eu acho que você vai gostar também.

Alessandra pegou três títulos ao lado do computador, já separados, e começou a apresentá-los para Bianca.

- Tem esse aqui que é da Eva Furnari. Esse é um livro muito engraçado porque tem uma brincadeira de rima (disse referindo-se ao livro “Assim, assado”) como esse que você acabou de levar para casa. Esse aqui chama-se “A Primavera da Lagarta” e conta a história...

- Eu quero esse! – disse interrompendo Alessandra, encantada com as ilustrações do livro escrito e ilustrado pela Eva Furnari.

(Caderno de Campo, 05/02/2013)

Diante da proposta de falar sobre seus livros favoritos, Renata (9 anos) declara:

³⁴ Foram utilizados nomes fictícios para caracterizar os sujeitos de pesquisa.

- Eu gosto do Barba Azul. É de terror, mas eu gosto de ouvir a tia Alessandra contar porque ela faz uma voz forte e grita como a menina do livro. Dá até medo!

(Caderno de Campo, 05/02/2013)

A mediação aparece como principal elemento nos eventos descritos acima. Bianca e Renata são frequentadoras assíduas da Ludoteca. Vão até lá para encontrar amigos, brincar e ler. Voltam porque encontram, no espaço, acolhimento. Abraço, sorriso e atenção que as convidam tanto a adentrar os livros da biblioteca quanto a desejarem levar um pouquinho dessas experiências para casa.

Que livros oferecer para alimentar o imaginário de Bianca? O que ler e como ler nas rodas com e para as crianças? Essas questões presentes na mediação realizada por Alessandra demandam escolha, conhecimento, organização, intencionalidade e compromisso. Não se pode simplesmente escolher um título na estante. É necessário comprometimento para fazer valer a função da biblioteca. Castrillón (2011, p. 46-47) ressalta que “todas as ações que conduzam a biblioteca a se tornar uma instituição que contribua para a mudança passam pela leitura”. E a biblioteca só alcançará essa função política de transformação se possuir mediadores que sejam, sobretudo, leitores curiosos e informados.

O que faz “Barba Azul” se tornar o livro favorito de Renata? Por que Bianca não espera nem Alessandra terminar de apresentar os livros para escolher levar “Assim, assado” para casa? Indagações que desvelam o afeto presente nas situações de leitura realizadas pela mediadora, pois como ressalta Corsino (2010, p. 186) “a mediação do adulto é o ponto-chave das primeiras leituras. É ele quem organiza o ambiente e quem empresta sua voz ao texto. Seus gestos, entonações, intervenções (...) revelam o que e como a criança deve ler”. Isso significa que a escolha e o modo com que os mediadores de leitura leem se relacionam intrinsecamente com a formação do leitor.

“ESQUELETO E OSSO É A MESMA COISA?”

A leitura faz pensar. Pensar sobre si, sobre o outro, sobre o mundo. Pensamentos que se amplificam quando são compartilhados, quando se tornam palavra para o outro. O evento abaixo aborda uma leitura que inclui o ouvir e o dizer. Diálogos que possibilitam que o outro ofereça palavras às nossas palavras. Linguagem que nos constitui enquanto sujeitos.

“Esqueleto e osso é a mesma coisa?”

Alessandra, a mediadora da ludoteca, convidou o grupo para ler e pesquisar um livro sobre corpo humano (PUBLISHERS, 2009).

- Esse é um livro de consulta e pesquisa. É diferente dos livros de história. Quando queremos descobrir alguma informação, podemos pesquisar neste tipo de livro. Esse aqui é sobre o corpo humano. Aqui começa falando sobre as partes do nosso corpo. Quem sabe onde fica a cabeça?

As crianças começaram a tocar as partes que a mediadora nomeava.

- Onde fica o cotovelo? E o punho?

Todas riem e falam:

- Aqui! Eu sei!

- Ih, olha só essa página. Quem consegue ler o que está escrito aqui? – sugeriu a mediadora, apontando uma página do livro.

- Eu sei, está escrito caretas. – disse Amanda fazendo a leitura da imagem.

- Não, está escrito assim: Caras e caretas. – falou Laura com o dedo em cima de cada sílaba.

- Muito bem, meninas. Vamos ver quem consegue imitar essas caretas que estão aqui no livro?

Conforme a mediadora mostrava as ilustrações, as crianças imitavam as caretas.

- Vamos criar nossas próprias caretas? Quem será que vai fazer a careta mais assustadora? Quem será que vai fazer a mais engraçada?

As crianças ficaram animadas. Em seguida, a mediadora leu a explicação dos músculos que continha no livro.

- Ih! Por isso que a cara mexe na careta! – falou Amanda.

Quando virou a página, Hélio disse:

- Eu adoro o esqueleto!

- Olha, o Hélio já descobriu sobre qual informação do corpo o livro traz agora.

- É o esqueleto!

- Esqueleto! Esqueleto! Esqueleto! – todo o grupo começou a repetir em alto e bom som.

Eduardo que estava perto do grupo, mas fora da roda por opção, se aproximou.

- Eu sei tudo sobre o esqueleto. – disse a Laura.

- Eu que sei! – disse Hélio. Posso explicar primeiro? O esqueleto fica aqui por dentro da gente. – explicou levantando a camisa e contraindo a barriga para mostrar parte dos ossos.

Eduardo, que sentou-se ao lado do Hélio, repetiu a ação do colega e riu passando as mãos na costela.

- O Hélio explicou muito bem. Será que tem algum outro lugar que a gente consegue sentir o esqueleto?

- Aqui na perna, tia. Tem muito osso. – falou Laura. É fácil saber, porque o osso é duro. Aí quando a gente passa a mão no nosso corpo e acha um lugar duro, assim, é esqueleto.

- Esqueleto e osso é a mesma coisa? – perguntou Breno.

- Sim. – respondeu Laura.

- Acho que não é não. – falou Amanda.

- Esqueleto é muito osso junto. – afirmou Hélio. Eu quero muito fazer um esqueleto desse no papel para levar para minha casa. A gente pode fazer? Posso copiar?

- Vocês gostaram da ideia do Hélio?

- Eu também quero. – falaram Laura e Amanda.

- Então, vamos terminar de ler essa página, descobrir se esqueleto é a mesma coisa que osso e depois a gente senta nas mesas. Combinado?

A mediadora leu a explicação do livro. Depois deixou que as crianças se sentassem para desenhar o esqueleto.

Somente Amanda, Laura e Hélio quiseram fazer a proposta. Eduardo pediu para ir para o computador. Breno e Vitor decidiram ir embora.

(Caderno de Campo, 13/03/2013)

O evento “Esqueleto e osso é a mesma coisa?” possibilita pensar os tempos e espaços abertos para o pensamento e para a palavra. Aqui é a leitura compartilhada que cria momentos para a interlocução entre as crianças na ludoteca. Uma leitura que reúne. Mediação que abre espaço para a escuta e a construção de sentidos e que traz conhecimentos e informações de forma dialogada.

Em roda, Alessandra convida as crianças para lerem um livro informativo sobre o corpo humano. Explica que “um livro de consulta e pesquisa” nos ajuda a “descobrir alguma informação” e, pontua, que “é diferente dos livros de história”. Para Bajour (2012), a escuta se inicia na seleção de textos, ali começa a ser afinado o ouvido do mediador. Apesar de não contemplar a literatura, a mediadora demonstra intencionalidade na escolha do livro e uma postura que abre espaço para as crianças participarem da leitura e trocarem informações.

O ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos. (...) Dar e escutar a palavra sobre o lido, (...) seria

objetivar o pensamento, torná-lo visível para si mesmo e para outros. É como escrever a leitura em 'voz alta' e como se os outros a vivenciassem como parte do texto que nossas cabeças criam quando leem (BAJOUR, 2012, p. 22).

Essa perspectiva dialógica encontra raízes na teoria bakhtiniana da linguagem, posto que a palavra “tem sempre a ver com a palavra outra, porque é escuta e se realiza na escuta, responde e pede uma resposta” (PONZIO, 2011, p. 7). Isso porque “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2011, p. 271). Assim, para Bakhtin (2011, p. 272) “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”.

O evento “Esqueleto e osso é a mesma coisa?” desvela esses conceitos. A leitura que começa quase como brincadeira, ganha força no dizer das crianças. Entre risos e caretas, a informação faz-se presente e os sentidos começam a ser construídos coletivamente. Quando a mediadora lê as explicações sobre os músculos, é Amanda quem estabelece relação com a brincadeira feita por Alessandra e enuncia “por isso que a cara mexe na careta!”. A roda ganha ainda mais empolgação quando surge a imagem do esqueleto. As crianças gritam de euforia e o que poderia ser interpretado como bagunça é abraçado pela mediadora como interesse. Essa postura de escuta, que entende a manifestação das opiniões das crianças como interesse, é que possibilita o diálogo e, neste caso, também a apropriação de novos conhecimentos. Corsino (2009), a partir da ideia de conceitos espontâneos e conceitos científicos discutida por Vygotsky (2000), contribui para refletirmos sobre a construção do conhecimento pelas crianças, posto que a formação de conceitos é o elo central do processo de aprendizagem.

Vygotsky (2000) ao comparar e interrelacionar os conceitos espontâneos – construídos pela ação direta das crianças sobre a realidade que ela observa e experimenta – e os conceitos científicos – construídos em situações formais de ensino-aprendizagem –, ressalta que os processos pelos quais as crianças aprendem, apesar de seguirem direções diferentes, estão interligados. Assim, a construção do conhecimento científico presume a existência de conceitos já elaborados e

desenvolvidos através da atividade espontânea do pensamento infantil.

O desenvolvimento dos conceitos científicos não é fruto de memorização ou de imitação, pois estes conceitos surgem e se constituem por meio de uma tensão de toda atividade do próprio pensamento infantil: na medida em que a criança toma conhecimento pela primeira vez do significado de uma nova palavra, o processo de desenvolvimento dos conceitos não termina, mas está apenas começando (CORSINO, 2009, p. 40).

As observações de Vygotsky (2000) apontam que as crianças só conseguem tomar consciência do seu próprio pensamento, quando conseguem transferir suas construções e operações do plano da ação para o plano da linguagem. Nesta perspectiva, “a linguagem ganha uma dimensão em todo processo de desenvolvimento e aprendizagem” (CORSINO, 2009, p. 41).

Assim, fica claro perceber que, quando encontram espaço para falar, quando percebem que são ouvidas, as crianças ampliam a sua rede de significações. Construção baseada na alteridade, que necessita do outro para acontecer e que muitas vezes, precisa de uma mediação que crie esses espaços e tempos. A leitura em grupo permite que as interpretações individuais sejam partilhadas. Percepções que se ampliam ao entrarem em contato com outras percepções e que possibilitam uma construção nova de sentido, improvável na leitura solitária.

O que é afinal um esqueleto? Cada uma das crianças tinha uma explicação, um enunciado a proferir. Enunciados que não são apenas um registro passivo de vozes e sons, mas considerações, possibilidades de pensar junto sobre um mesmo assunto. E isso só foi possível pelo modo como a mediadora Alessandra conduziu a leitura. Sentadas próximas, cada qual do seu jeito, as crianças encontraram formas de expressarem suas ideias acerca do assunto. Hélio levantou a camisa e contraiu a barriga para mostrar os ossos. Ação imitada por Eduardo, que até aquele momento permanecia mais afastado do grupo. Foi passando as mãos nas costelas que o menino se aproximou do livro e da leitura e entrou na discussão. Alessandra, elogiou a explicação de Hélio, mas convocou o grupo a ampliar esse conceito. Laura, ao anunciar que “osso é duro” e que podemos sentir o esqueleto quando passamos “a mão no nosso corpo”, instaurou em Breno uma dúvida: “esqueleto e osso é a mesma coisa?”.

“Sim”. “Acho que não é não”. A pergunta de Breno suscitou dúvida no grupo e a dúvida gerou diálogo. Perguntas que, quando não pressupõem uma resposta única, provocam o pensamento. Apesar de Hélio responder afirmando que “esqueleto é muito osso junto”, Alessandra convidou o grupo a também escutar o enunciado do livro, afinal aquele era também “um livro de consulta e pesquisa”. Após a leitura, as crianças demonstram desejo por outras formas de expressar e formalizar suas ideias. Algumas desejaram continuar o diálogo pelo desenho. Outras desejaram apenas novos pensamentos.

A mediação revelada neste evento permite pensar sobre a importância dos momentos de interação entre os leitores – antes, durante e depois da leitura. Diálogos que pressupõem a alternância de enunciados – relação entre palavra e contrapalavra, possibilidade de construir sentidos.

Para Bajour (2012, p. 23), “falar dos textos é voltar a lê-los. O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si” e, em seguida, para o ouvinte, que pode se deslocar e perceber outras compreensões. Pensamentos que, ao se transformarem em palavras, penetram no fluxo verbal. Um processo ininterrupto, onde não há a primeira, nem a última palavra. Fluxo onde a língua penetra na vida e a vida penetra na língua (BAKHTIN, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: OLHARES DA PESQUISA

Diante das análises sobre as práticas de leitura das crianças, a pesquisa revelou a ludoteca como um lugar de interação e interlocução, principalmente, por contemplar uma preocupação com a organização do ambiente, a escolha e a disponibilização do acervo e a mediação – três eixos fundamentais para a formação do leitor.

O espaço foi observado como um elemento que contribuiu para que, mais que uma edificação para a reunião de escritos, a ludoteca se tornasse para as crianças um

lugar de convite à ação, à imaginação e à narratividade. Ao ser entendida não como depósito, mas como um lugar de trânsito (PERROTTI, 2004), essa biblioteca infantil, ao aliar beleza, conforto e organização, permitiu aos leitores o movimento de apropriação, transformando-se em um lugar onde as crianças se reuniam para ler e contar histórias, brincar, desenhar, pintar, ouvir música e criar experiências compartilhadas.

Ao conjugar livros, brinquedos e jogos em um mesmo ambiente, a ludoteca apresentava um acervo bastante variado. Em relação aos livros, observou-se a ausência de material didático e a preocupação em organizar os títulos considerando, como critério principal, a diferenciação entre livros informativos e literários – esses últimos arrumados por temas ou gêneros. Nas estantes foi possível observar livros bem diferentes, que vão dos clássicos às novidades mais recentes e encontrar edições com projetos simples e outros mais elaborados. Todos os títulos encontravam-se em excelente estado de conservação e evidenciavam uma escolha criteriosa.

A mediação realizada na ludoteca apresentou compromisso e intencionalidade, mas também liberdade de escolha, movimentação e diálogo. Além de tratar todos pelo nome e de abrir espaço tanto para a brincadeira quanto para a leitura, a mediadora da ludoteca mantinha uma relação afetuosa com as crianças: indicava livros, promovia rodas de leitura ou sentava-se com duplas ou trios para ler e ouvir histórias. Mediação próxima, que reafirma que a leitura necessita de convite e passa por uma relação de afeto.

O evento “Esqueleto e osso é a mesma coisa?” apresenta uma leitura que cria tempos para a interlocução entre as crianças e abre espaço para a construção coletiva de sentidos e de conhecimentos pelos sujeitos envolvidos no encontro. O livro informativo, utilizado de forma dialogada, favoreceu a formação de conceitos espontâneos e científicos no processo de aprendizagem. O evento possibilita pensar ainda que quando encontram espaço para falar, quando percebem que são ouvidas, as crianças constroem e negociam sentidos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. T.; C. P. **Critérios para a constituição de um acervo literário para as séries iniciais do Ensino Fundamental**: o instrumento de avaliação do PNBE-2005. In: PAIVA, A. (Org.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica; Ceale, 2007, p. 79-91.

BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6a ed., São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CORSINO, P. **Políticas e práticas escolares**. In: Boletim Salto para o Futuro – Anos iniciais do Ensino Fundamental. Rio de Janeiro, TV escola, v.19, n. 12, p. 36-48, set., 2009.

_____. **Literatura na educação infantil**: possibilidades e ampliações. In: Paiva, Aparecida (org.). Coleção explorando o ensino. **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2010, p. 183-204.

PERROTTI, E. **Lugares da leitura**: a escola como espaço de leitura. In: **Boletim Salto para o Futuro – Espaços de leitura**. Rio de Janeiro, TVE- Brasil, 2004, p. 8-28.

PIMENTEL, C. **Espaços de livro e leitura**: um estudo sobre as salas de leitura de escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro. 264 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PONZIO, A. **Problemas de sintaxe para uma linguística da escuta**. In: BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011.

PUBLISHERS, M. **O grande livro do corpo humano**. São Paulo: Editora DCL, 2009.

REYES, Y. **Ler e brincar, tecer e cantar**: literatura, escrita e educação. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RECEBIDO EM: SETEMBRO/2016
APROVADO EM: NOVEMBRO/2016